

# Liberdade acelera recuperação da economia

**São Paulo** - A margem de manobra para equilibrar a taxa de câmbio no período pós-desvalorização e liberação cambial é praticamente nula, de acordo com o economista Pedro Sainz, diretor da Divisão de Estatísticas e de Projeções Econômicas da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (-Cepal). Segundo Sainz, o importante, no momento, é observar que alguns países que desvalorizaram as suas moedas e liberalaram a sua taxa de câmbio conse-

guiram recuperações impressionantes em suas economias. No caso do México - exemplo mais próximo do Brasil por ter sofrido ataques especulativos semelhantes em circunstâncias financeiras também parecidas - o impacto da desvalorização no primeiro ano (1995) foi de uma queda de 6% no Produto Interno Bruto (PIB). No ano seguinte, a economia mexicana já apresentava um crescimento de 5,5% e, em 1997, de 7%. "A recessão no México foi menos profunda do

que a apresentada no Chile, onde no primeiro ano, em 1982, o PIB caiu 12% e o desemprego chegou ao patamar estratosférico de 30%", explicou o economista da Cepal.

De acordo com Sainz, a recuperação mexicana foi mais rápida devido, principalmente, à ajuda financeira liderada pelos Estados Unidos, cujos recursos chegaram a US\$ 50 bilhões. "A economia chilena demorou dois anos para reagir e, depois, começar sua curva ascendente",

disse Sainz. Segundo dados da Cepal, a economia do Chile começou a crescer ligeiramente em 1984 e já em 1986 apresentava taxa de quase 6%. Em 1989, o crescimento do PIB chileno já era de 10%.

O economista acredita que a probabilidade de o Brasil reagir rapidamente, como o México, é muito boa. Sainz disse que a economia brasileira pode reagir nos próximos dois anos, e não nos próximos dez anos. "O impacto da desvalorização no

crescimento econômico é importante", afirmou. De acordo com ele, o caso argentino é atípico, já que a recessão de 1995 se deu por conta do efeito da crise mexicana. Nesse ano, a taxa de desemprego na Argentina saltou para quase 20%.

"No período em que a taxa de câmbio busca seu equilíbrio, os custos são altíssimos, mas, ao mesmo tempo, este equilíbrio permite que as taxas de juros caiam substancialmente", acrescentou o economista da Cepal.

Ele explicou que os países asiáticos conseguiram reduzir as suas taxas de juros aos patamares em que se encontravam pouco antes da crise que os levou a desvalorizar as suas moedas. "Na medida em que o país consegue equilibrar a sua taxa de câmbio, a confiança volta e, com ela, os capitais de longo prazo. Por isso, é importante, em algum momento, ser bastante seletivo na captação desses recursos, principalmente naqueles voláteis", disse Sainz.